

# A EDUCAÇÃO DO CAMPO E O DISCURSO DA INTERDISCIPLINARIDADE: REVERBERAÇÕES NAS ENUNCIÇÕES DISCENTES

Verônica de Lima Mittmann<sup>1</sup>  
Claudia Glavam Duarte<sup>2</sup>

## RESUMO

A interdisciplinaridade vem se constituindo como uma verdade que atravessa o campo educacional brasileiro na contemporaneidade. Neste sentido, este estudo teve como objetivo perceber quais enunciados sobre a interdisciplinaridade circulam no curso Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza – campus Litoral Norte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. De forma específica, este artigo problematiza e apresenta uma análise do discurso na perspectiva foucaultiana de enunciações que emergiram nas falas dos discentes do referido curso ao justificarem a necessidade de um currículo interdisciplinar. Percebemos que a justificativa destes estudantes acaba duplicando enunciados que atravessam a enunciação de autores que são referência da Licenciatura em Educação do Campo. Acreditamos que esta ressonância de enunciados poderá estar fortalecendo de forma concomitante tanto o Discurso da Interdisciplinaridade quanto o Discurso da Educação do Campo. Para este ensaio foram realizadas entrevistas com 32 discentes e as ferramentas teóricas utilizadas advêm da oficina de Michel Foucault.

*Palavras-chave:* Interdisciplinaridade. Enunciado. Rede de Conhecimentos. Educação do Campo.

## 1 PRIMEIRAS PALAVRAS: A MODO DE INTRODUÇÃO

Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa

---

1 Pedagoga da área de supervisão escolar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – campus Litoral Norte e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da mesma instituição. E-mail: veronica.mittmann@ufrgs.br .

2 Doutora em Educação, Professora do Programa de Pós-Graduação: Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde e da Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – campus Litoral Norte. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC. E-mail: claudiaglavam@hotmail.com

experiência em palavras nos permita libertar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. (LARROSA, 2015, p. 5).

Escolhemos esta epígrafe para abrir nosso texto, pois faz-nos pensar a escrita deste artigo a partir de uma perspectiva foucaultiana que afirma a relação do ensaísta com a escrita como um processo que pressupõe a experiência do escrever “modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação” (FOUCAULT, 2013, p. 12-13). Assim, para escrevermos tivemos que compor as leituras com as coisas vividas, travar certas lutas e minimizar a vontade de verdade que nos atravessa a fim de arriscar o desconhecido e ter como possibilidade “ser outra coisa, diferente do que vimos sendo”. De forma específica, este artigo tem por objetivo analisar as relações entre Educação do Campo e a Interdisciplinaridade por intermédio de entrevistas realizadas com educandos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Campus Litoral Norte. Nosso objetivo é tentar perceber os enunciados sobre a interdisciplinaridade que circulam neste curso e os efeitos de verdade que são aí disponibilizados. Com esta intenção, nosso trabalho foi pautado por algumas questões:

- 1) Por que os cursos Licenciatura em Educação do Campo adotam a perspectiva interdisciplinar?
- 2) Quais verdades circulam neste espaço/tempo?

As questões acima emergiram de inquietações e de desconfortos. Foi a sensação de perturbação, de desordem que nos moveu à investigação, pois concordamos com Costa que:

[...] tais interrogações não decorrem de escolhas fortuitas que vão corresponder a alguma curiosidade especial ou preocupação particular de quem faz pesquisa. Tampouco elas são formulações que, em atenção a formalidades metodológicas, incidem sobre uma esfera do “real”, que lá estaria, com seus contornos prontos e definitivos, à espera de quem a descubra, decifre, investigue e descreva. (COSTA, 2005, p. 201)

Neste sentido, entendemos que os problemas de pesquisa são como estradas ou rotas que traçamos em meio ao caos e a provisoriedade da vida. Nasceram da necessidade de dar formas ao desconhecido. Com isto, a pesquisa emergiu de nossa vontade de estabilidade, de um instante de ordem no turbilhão da vida. Com isto, pontuamos que as perguntas foram se delineando a partir das experiências que tivemos, de nosso olhar para o mundo, das coisas que sentimos e ouvimos.

Acreditamos que a relevância deste artigo se dá pelo exercício de problematizar a interdisciplinaridade, colocá-la sob holofotes, a fim de perceber como ela vem se constituindo como uma verdade de nosso tempo para o campo educacional. Não temos com isto, a intenção de legitimar ou de condenar este discurso, mas de colocá-lo em suspensão. Deste modo, não intencionamos com este artigo construir verdades inquestionáveis, mas problematizar os discursos que nos constituem enquanto educadores. Para quê?

Ora, minimamente para que, ao modo de Nietzsche, esta escrita funcione como uma flecha, que um/a pensador/a atira, assim como no vazio, para que outro/a recolha e possa, por sua vez, também enviar a sua, agora em outra direção. (CORAZZA, 2007, p. 105).

## **2 ABRINDO A CAIXA DE FERRAMENTAS**

O material empírico aqui apresentado é resultado de uma pesquisa de Mestrado realizada em 2017 com 32 discentes do curso Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/ Campus Litoral Norte. Cabe destacar que para a implantação deste curso, a UFRGS, respondendo ao edital de 2012, concorreu com outras Universidades Federais com um projeto de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza para seus dois campi: Campus centro, em Porto Alegre e Campus Litoral Norte – CLN na cidade de Tramandaí – RS<sup>3</sup>. Após aprovação do Projeto pelo MEC e dos

3 Destacamos que o PPC deste curso foi construído pela Faculdade de Educação – FACED – campus central da UFRGS, haja vista que no momento de sua elaboração, o campus Litoral Norte ainda estava em fase de implantação, vindo a ser inaugurado somente em 22 de novembro de 2014. No entanto, o campus já havia iniciado suas atividades em setembro do mesmo ano. Ressaltamos que este campus surge com algumas especificidades e, dentre

trâmites internos, o primeiro ingresso para o Curso de Licenciatura em Educação do Campo no Campus Litoral Norte ocorreu em 2014 e foram preenchidas 47 das 120 vagas oferecidas. Importante salientar que nesta primeira oferta era requisito para o processo seletivo já estar trabalhando como docente. Atualmente esta turma conta com 24 docentes/estudantes. A segunda entrada de estudantes, ocorrida em agosto de 2015 não teve a exigência da docência e possui, atualmente com 46 estudantes.

O curso da UFRGS, acompanhando as especificidades das Licenciaturas em Educação do Campo, tem a formação na área de Ciências da Natureza e, segundo o seu Projeto Pedagógico de Curso - PPC, a interdisciplinaridade se deu desde a construção do curso que contou com a participação de diferentes Unidades Acadêmicas. A estrutura do curso também é diferenciada, ou seja, os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento, são organizados em quatro Eixos Temáticos (um por ano letivo) e oito Temas Geradores (um por semestre letivo). Segundo este mesmo documento, os Eixos temáticos e os Temas Geradores teriam sido escolhidos a partir de situações-problema próprios da realidade dos sujeitos camponeses. Além disso, a interdisciplinaridade se daria pela interlocução de química, física e biologia nas doze disciplinas de Ciências da Natureza.

Além de apontar alguns dados sobre o local onde foi realizada a pesquisa, é importante evidenciar que utilizamos como instrumento de produção de dados a entrevista semiestruturada. Esta foi realizada com 21 mulheres e 11 homens com idades que variavam entre 19 a 64 anos das turmas que ingressaram em 2014/2 e 2015/2. Destacamos que utilizamos como critério para a seleção dos indivíduos a manifestação de interesse dos mesmos em participar do estudo. Apontamos que utilizamos como "método" de pesquisa os estudos de Foucault. Ressaltamos que utilizar a palavra 'método' em trabalhos que advém de inspirações foucaultianas pressupõe algumas ressalvas. Para VEIGA-NETO (2009) é possível falar em teoria/método foucaultiano se o concebermos de maneira mais flexível do que o concebiam os iluministas, pois "a rigor, não existe algum método foucaultiano, a menos que se tome a palavra método num sentido mais livre do que os sentidos que lhe deu o pensamento moderno, principalmente a partir de Ramus e Descartes" (VEIGA-NETO, 2014,

estas, pontua-se a interdisciplinaridade como eixo aglutinador para, num primeiro momento, ofertar cursos. Neste sentido o Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BICT) e a Licenciatura em Educação do Campo se inserem nesta perspectiva.

p. 17). Neste sentido, método nesta perspectiva, são caminhos que se fazem no próprio ato de caminhar, são as perguntas que se elaboram e reelaboram durante a trajetória, são as estratégias que se usam para produzir e analisar os dados.

A fim de que pudéssemos realizar a análise do discurso na perspectiva foucaultiana, nos foi necessário, neste momento, utilizar algumas ferramentas da "oficina de Foucault", que aprimorassem o olhar e afinassem nossa audição para perceber de outros modos o que se materializava nas enunciações dos educandos. Com isto, operamos com o conceito de enunciado, enunciação, verdade e discurso.

Ressaltamos que nesta pesquisa, trabalhamos na exterioridade do dito, ou seja, não buscamos por uma verdade oculta que estaria por detrás das enunciações dos educandos, "simplesmente" tentamos perceber os enunciados que atravessavam as enunciações dos discentes. Feito isto, recortamos as falas e as agrupamos nas Densidades Analíticas. Este movimento foi realizado pois,

[...] a análise enunciativa tenta liberar-se, para restituir os enunciados à sua pura dispersão; para analisá-los em uma exterioridade sem dúvida paradoxal, já que não remete a nenhuma forma adversa de interioridade; para considerá-los em sua descontinuidade, sem ter de relacioná-los, por um desses deslocamentos que os põem fora de circuito e os tornam inessenciais, a uma abertura ou a uma diferença mais fundamental; para apreender sua própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu; para reencontrar sua incidência de acontecimento. (FOUCAULT, 2008, p. 137-138).

**Cabe salientar que enunciado nesta perspectiva é o que atravessa os atos de fala, os textos ou uma imagem, contudo, não se confunde com estes. No entanto, é o que dá sentido à existência de frases, proposições, imagens. Com isto:**

O enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência. Em seu modo de ser singular (nem

inteiramente linguístico, nem exclusivamente material), ele é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem. (FOUCAULT, 2008, p. 97).

O enunciado teria ainda, algumas outras características, tais como o grau de remanência, os fenômenos de recorrência e a forma de aditividade própria do enunciado. Neste sentido, "dizer que os enunciados são remanentes não é dizer que eles permanecem no campo da memória ou que se pode reencontrar o que queriam dizer, mas sim que se conservaram graças a um certo número de suportes e de técnicas materiais" (FOUCAULT, 2008, p. 140). Com isto, um enunciado se utilizaria de diferentes suportes, o que na atualidade seriam os livros, a web e as diferentes mídias. Neste sentido, os enunciados teriam diferentes graus de remanência, sendo que o grau zero seria o silêncio e a destruição de um enunciado.

Os fenômenos de recorrência seria o campo formado por enunciados que dão sustentação a um "novo" enunciado que emerge. Neste sentido, "todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas". (FOUCAULT, 2008, p. 141). Os enunciados teriam ainda formas de aditividade, ou seja, uma maneira peculiar que enunciados de diferentes áreas tem de se agruparem e de se excluírem. Neste sentido "os tipos de grupamento entre enunciados sucessivos não são sempre os mesmos e não procedem jamais por simples amontoamento ou justaposição de elementos sucessivos. (FOUCAULT, 2008, p. 140).

O enunciado seria ainda um evento raro, ou seja, "nem tudo é sempre dito; em relação ao que poderia ser enunciado em uma língua natural, em relação à combinatória ilimitada dos elementos linguísticos (FOUCAULT, 2008, p. 135). Neste sentido, em determinado período histórico, dependendo dos enunciados que já estão em circulação e do Regime de Verdade de cada época, algumas coisas são possíveis de serem ditas enquanto outras não. Um enunciado também seria raro porque diferentes enunciações podem remeter a um mesmo enunciado. Deste modo, um enunciado é passível de repetição.

Sublinhamos que enunciação, nesta perspectiva, é a materialidade de um enunciado, no caso desta investigação, os atos

de fala dos/as alunos/as entrevistados/as. De forma contrária ao enunciado, as enunciações são eventos que não se repetem.

Além do conceito de enunciado e enunciação, mobilizamos também o conceito de discurso. Discurso seria “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva. (FOUCAULT, 2008, p. 132). Dentre a gama de discursos que estão em circulação em uma sociedade em determinada época, há aqueles que são considerados verdadeiros e os que ficam às margens, sendo ignorados e obstruídos. Com isto, alguns discursos têm status de verdade conforme o Regime de Verdade de determinada época.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Com isto, mobilizamos os conceitos acima a fim de entender que o Discurso da Educação do Campo e o Discurso da Interdisciplinaridade são produções de um tempo que conformam determinados modos de ser professor e aluno.

### **3 PRODUZINDO RESULTADOS**

Os cursos de Licenciatura em Educação do Campo surgem a partir do Edital nº 2 de 23 de abril de 2008 da SESU/SETEC/SECADI/MEC como parte integrante do Programa de apoio à formação superior em Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO<sup>4</sup>. A necessidade que forja tais licenciaturas está articulada a necessidade

4 É importante diferenciar o Procampo (Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo) do Pronacampo (Programa Nacional de Educação do Campo). O Pronacampo, segundo o art. 1º da Portaria nº 86, de 1º de fevereiro de 2013, “consiste em um conjunto articulado de ações de apoio aos sistemas de ensino para a implementação da política de educação do campo” e se estrutura em quatro eixos: Gestão e Práticas Pedagógicas; Formação de Professores; Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Tecnológica; e Infraestrutura Física e Tecnológica. O Procampo integra o eixo Formação de professores.

de formar professores para trabalhar nas Escolas do Campo. No entanto, nos chama a atenção a exigência, feita pelo edital, para que as licenciaturas oferecessem formação por área do conhecimento. Conforme o edital, a classificação das Universidades Federais se daria por Projetos Pedagógicos de Curso, que deveriam, entre outras exigências,

[...] apresentar currículo organizado de acordo com áreas de conhecimento previstas para a docência multidisciplinar – (i) Linguagens e Códigos; (ii) Ciências Humanas e Sociais; (iii) Ciências da Natureza e Matemática e (iv) Ciências Agrárias, e com duas áreas de habilitação. (BRASIL, 2008, p. 2).

A partir da leitura deste edital nos perguntamos o porquê desta exigência. A partir da leitura de autores que são referências em Educação do Campo, percebemos os argumentos que teriam influenciado esta forma de organização para estas licenciaturas. Em um primeiro momento ficou evidenciado que a interdisciplinaridade teria sido escolhida como perspectiva para o curso Licenciatura em Educação porque possibilitaria o oferecimento dos anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio nas Escolas do Campo, visto que um professor formado por área poderia lecionar mais de uma disciplina. Considerando que estas etapas da Educação Básica trabalham com uma gama de diferentes disciplinas, tem sido justificativa do poder público, para o seu não oferecimento, o argumento de que seria dispendioso financeiramente ter um amplo quadro de professores para atender a um pequeno número de alunos, já que as Escolas do Campo, geralmente, têm turmas pequenas. Com isto, por uma lógica diferenciada, a Educação do Campo possibilitaria a ampliação destas etapas da Educação Básica em Escolas do Campo por ter organização curricular em áreas do conhecimento.

Além disto, a formação por área possibilitaria repensar os Planos de Estudos e a construção coletiva dos mesmos. De acordo com Mônica Molina, uma das precursoras dos estudos nesta área:

A formação por área de conhecimento é um meio, é parte de uma estratégia, e não um fim em si mesma. E qual seria a estratégia intencionalizada com a proposta da formação por área de conhecimento na matriz



pedagógica das Licenciaturas? A formação por área de conhecimento objetiva contribuir com a transformação dos Planos de Estudos dos cursos, possibilitando novas estratégias de seleção de conteúdos, aproximando-os tanto quanto possível da realidade, bem como objetiva fomentar e promover o trabalho coletivo dos educadores. (MOLINA, 2014, p. 17).

Deixamos por último, um argumento que muito nos interessa e que tem ressonâncias nas enunciações dos educandos entrevistados. Este diz respeito a uma outra justificativa para os cursos de Licenciatura em Educação do Campo serem interdisciplinares: a concepção de realidade. Percebemos que os autores vinculados a Educação do Campo concebem a realidade como uma totalidade, ou seja, a realidade seria *a priori* ao ser humano, isto é, existiria uma realidade anterior que iria se tornando mais inteligível à medida que o homem/mulher se transformariam em ser de conhecimento. Esta realidade, em seus múltiplos aspectos, teria leis de funcionamento, isto é, existiria uma lógica na realidade que possibilitaria a sua apreensão. Deste modo, a realidade seria passível de ser “conhecida”, já que mesmo não sendo fixa, possuiria certos elementos que a tornaria estável. Por se constituir de elementos diversos, e em interação, a realidade seria entendida como complexa, formada pela natureza, pelo social, pela história, pelas tradições, contradições ou seja, a realidade seria um todo com muitas faces. Assim, para entendê-la em sua “totalidade”, seria imprescindível entender os diferentes elementos que a constituem. Com isto, não bastaria entender apenas um aspecto da realidade, visto que haveria uma ligação entre os seus diferentes elementos. Seria necessário um “olhar interdisciplinar” para a realidade, haja vista a concepção da realidade como multifacetada, ou seja, cada disciplina disponibilizaria a compreensão de uma face do real. Assim, o entendimento em sua totalidade somente seria possível pela união destas disciplinas, cada uma contribuindo com o seu conhecimento.

Durante nossos estudos fomos tecendo o entendimento de que uma realidade complexa só pode ser compreendida e transformada na medida em que é desvelado pelos sujeitos no diálogo com os conhecimentos teórico-científicos provenientes de diversas áreas, o que

pressupõe um estudo desta realidade e um olhar interdisciplinar sobre os fenômenos da natureza e todos os aspectos socioeconômicos e culturais que os perpassam. (BRITTO; SILVA, 2015, p. 768).

**Assim, a interdisciplinaridade não negaria as disciplinas, mas entenderia que o desvelamento do real se tornaria possível à medida que cada disciplina contribuísse com conhecimentos de sua área. Dito de outro modo, a união dos olhares disciplinares possibilitaria entender os diferentes aspectos da realidade e assim restabelecer a totalidade que constitui o real. Assim, a interdisciplinaridade:**

[...] não consiste na negação das disciplinas em sua constituição e historicidade, mas sim na valorização destas na potencialidade de, em conjunto e articuladas pelo coletivo docente, interpretar a realidade em suas diversas dimensões, não mais de forma fragmentada e dicotômica como a disciplinarização dos conteúdos tão enraizada na educação. (BRITTO, 2016, p. 1851-1852).

**Com isto, é possível perceber que os teóricos da Educação do Campo defendem a necessidade da interdisciplinaridade por esta proporcionar "uma rede diversificada de campos de conhecimentos" para a compreensão da realidade e, tal condição seria "essencial" para a "transformação do real". Nesta perspectiva, o "olhar interdisciplinar", não se limitaria a uma mera descrição "do que está aí", mas, teria como foco "empoderar" o sujeito escolar, tornando-o autônomo e crítico, de modo a ser um agente da necessária transformação da realidade. Esta compreensão é recorrente no entendimento dos pesquisadores vinculados a Educação a Educação do Campo:**

A ideia é da área CN e MTM constituída por meio de *uma rede diversificada de campos de conhecimentos que diluem suas fronteiras e interagem tecendo os inúmeros fios advindos da produção científica como da Biologia, Química, Física, Ecologia, Paleontologia, Antropologia, Matemática* e muitas outras, pautadas por critérios

como: a unicidade da Ciência; as realidades e a complexidade dos fenômenos multidisciplinares, e a *interdisciplinaridade como condição para uma melhor compreensão e apropriação das mais diversas situações cotidianas*. (BRITTO, 2013, p.115). [Grifos nossos].

Na medida mesma em que a interdisciplinaridade deva ser *um movimento de esforço conjunto de áreas do conhecimento para explicar a realidade [...]*. (FERREIRA; MOLINA, 2014, p. 140). [Grifos nossos].

Portanto, a interdisciplinaridade ajuda na percepção de que para os avanços no campo do conhecimento são *necessárias as interações que desconstroem a restrição imposta pelas disciplinas fragmentadas* decorrentes do processo de especialização, cada vez mais recorrente no meio educacional. *Por isso ela é tão essencial aos processos que visam à leitura da realidade e sua transformação. [...]* (LOPES; BIZERRIL, 2014, p. 207). [Grifos nossos].

Os debates acerca da formação nas áreas de CN e MTM também tiveram que contemplar algo imprescindível, a interdisciplinaridade, na medida em que uma abordagem por área remete à *diluição das rígidas fronteiras disciplinares*, sob o entendimento de que o *estudo das realidades é algo bastante complexo [...]* (BRITTO, 2014, p. 68).

*[...] de modo que a integração se dá pela unidade existente entre as diferentes disciplinas aglutinadas em eixos ou temas geradores, possibilitando compreender a realidade [...]*. (VASCONCELOS; SCALABRIN, 2014, p. 175). [Grifos nossos].

Dessa forma, trata-se de colocar a realidade como centro em torno do qual as ciências e *outras formas de conhecimento se articulam, para que a realidade possa ser não apenas compreendida e analisada, mas também transformada*. (MOLINA; HAGE, 2015, p. 141). [Grifos nossos].

Nessa perspectiva, o que preocupa é a formação de educadores capazes de um ensino contextualizado e interdisciplinar, em que os alunos se envolvam com o Ensino de Ciências por interesse e curiosidade, como algo que lhes instiga a descobrir a realidade que os cerca e não como algo desconectado de seu mundo. (LOPES; BIZERRIL, 2014, p. 205). [Grifos nossos].

**Percebemos a ressonância de enunciados do discurso da Educação do Campo que tratam da necessidade da interdisciplinaridade, nas enunciações dos discentes do curso Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, campus Litoral Norte quando justificam a necessidade de um ensino interdisciplinar. Segundo estes discentes, a realidade seria uma totalidade e a sua compreensão estaria condicionada a um conhecimento em rede. Como pode ser observado nos enxertos abaixo:**

[...] tem toda uma vivência, *uma rede* de conhecimentos que a gente não explora na escola porque tudo é muito engessado no currículo e tudo o mais. [Grifos nossos]

Para *entender o mundo lá fora* tem que ligar os conhecimentos. Não dá para entender uma parte só, entende? [Grifos nossos]

[...] é *uma rede* de conhecimentos, uma coisa, nada está isolado, então uma coisa está *interligada* na outra e acho que a interdisciplinaridade favorece neste ponto. Ela consegue te mostrar, por mais que não ocorra de uma forma plena a interdisciplinaridade, mas ela já vai te abrindo este leque que tu consegues visualizar isto. [Grifos nossos]

Eu acho que agora mais nesta parte da gente, dos professores e nós conseguirmos esta coisa *holística* acontecendo ao mesmo tempo, *simultâneo* [...] [Grifos nossos]

É tentar *associar* os componentes, assim, como é tudo junto, tentar associar os componentes um com o outro, fazer esta *ligação* [...] [Grifos nossos]

[...] porque tudo está *interligado* e só agora aqui, que a gente conseguiu ver que existe esta *ligação*, porque lá, [no ensino médio] eles não fazem *ligação* nenhuma [...][Grifos nossos]

[...] mas se você conseguisse fazer esta *conexão*, iria facilitar muito mais o aprendizado que você teria de história se você entendesse o contexto que aquilo aconteceu e isto acontece nas áreas de química, física e biologia conversam o tempo todo, às vezes é até difícil de tu separar o que é um e o que é outro [...][Grifos nossos]

O mundo é complexo, tá tudo em rede, se eu quero modificar algo tenho que conhecer primeiro. Daí, sabe, eu penso assim, *só uma rede de conhecimentos para entender o todo*. [Grifos nossos]

[...] não é difícil fazer esta, esta, esta *ligação*, esta *ponte*, porque a gente trabalha com esta *ligação*, trabalha com esta *rede*, então interdisciplinaridade é uma *rede* [...][Grifos nossos]

[...] a professora fala alguma coisa da biologia e já vem outro e fala da física e tu tem que interligar tudo isso. Tu conseguir fazer esta *ligação*, este *elo de ligar* a interdisciplinaridade [...][Grifos nossos]

[...] porque se a gente partir do pressuposto que universo tudo é *interligado*, que é o fio da meada, que é o começo da coisa, a gente consegue fazer estas percepções, tu tens que ter os olhos treinados, tu tens que ter o cérebro treinado, tu tens que ter a boa vontade, né pra poder fazer esta percepção e quando a gente não tem, a gente questiona, aquilo que tu não sabe, tu tens que perguntar, né, e às vezes a outra pessoa não sabe, então o que é que a gente vai fazer? [Grifos nossos]

[...] a interdisciplinaridade é a melhor maneira que a gente tem de aprender, porque você aprende a *conexão*, a *conexão* que existe entre as diferentes áreas de conhecimento e não que elas são coisas separadas,

eu até consigo entender que quando você vai avaliar determinada área de conhecimento, determinado objeto, você tenha que limitar a observação que você está fazendo, você vai observar uma coisa, mas nunca perdendo a conexão que ela tem com o todo [...] [Grifos nossos]

Deste modo, percebemos a existência de reverberações do discurso da Educação do Campo nas enunciações dos educandos quando afirmam a necessidade da interdisciplinaridade para a compreensão do real, ou seja, para a apreensão da realidade em sua totalidade, seria necessária uma educação que rompesse com as fronteiras disciplinares. Com isto, percebemos que o alinhamento entre os discursos dos pesquisadores e as enunciações dos educandos acabam por duplicar e colocar em dispersão o enunciado que afirma a necessidade da Interdisciplinaridade para conhecer a realidade. Esta ressonância de enunciados acaba fortalecendo tanto o Discurso da Educação do Campo quanto o Discurso da Interdisciplinaridade, pois, ambos se legitimam e tornam-se fortes a ponto de serem compreendidos como verdades contemporâneas. Entendemos que estes discursos, ao serem legitimados como verdades, acabam moldando jeitos de ser professor e de ser discente.

#### 4 FECHANDO AS PÁGINAS...

A missanga, todos a veem.  
Ninguém nota o fio que,  
em colar vistoso, vai compondo as missangas.  
Também assim é a voz do poeta:  
um fio de silêncio costurando o tempo.  
(COUTO, 2009, p. 5).

Ao ir finalizando este trabalho, pontuamos que este artigo foi construído com alguns formatos que lhe são próprios, ou seja, outros pesquisadores poderiam ter tido outros olhares para as enunciações que emergiram, ou talvez ainda, teriam dado visibilidade para outros enunciados. Com isto, teriam feito diferentes costuras, ou ainda, alinhavado diferentes cores e formatos para estas páginas. Deste modo, entendemos que os fios que compõem esta escrita não estavam *a priori*, mas se enlaçaram nas formas de algumas intenções

e de acasos. Neste sentido, quando convidamos um autor ou sua escrita para nossos trabalhos, não o fazemos de forma neutra, ou asséptica, pois nossas investigações são tingidas pelas experiências que tivemos e pelo jeito que olhamos o mundo. Com isto, a escrita de um trabalho é uma nuance de muitas cores, uma mistura do escritor com os autores que ele convida para o texto. Deste modo,

Ao utilizar um autor na escrita acadêmica, nós, de certa forma, o reescrevemos, nós nos apropriamos dele e continuamos sua obra, tensionamos os conceitos que ele criou, submetemos à discussão uma teoria, porque mergulhamos no empírico, no estudo de um objeto por nós selecionado, que ultrapassa, vai além dos objetos que o autor escolhido elegeu – justamente porque nossa história é outra, nossos lugares e tempos são outros. Reescrever um autor, apropriar-se dele, é vasculhar em suas formulações teóricas um ponto de encontro com nós mesmos, com aquilo que escolhemos como objeto, com aquilo em que nós investimos nossa vida, nosso trabalho, nosso pensamento; tem a ver com uma entrega, nossa entrega a um tema, a um objeto, a um modo de pensar, que assumimos como pesquisadores. (FISCHER, 2005, p. 120).

Diante disso, entendemos, que além desta escrita ter sido construída por “um nós” que “são muitos”, também foi possibilitada pela perspectiva teórica na qual nos localizamos, ou seja, se nossa posição teórica fosse outra, teríamos visto “coisas diferentes” e nossa pesquisa seria diversa desta. Compreendemos ainda, que nosso acesso ao mundo e à realidade é ainda, intermediado pela linguagem, ou seja, discursos, verdades e enunciados são as lentes que utilizamos para olhar o mundo, para compreender seus fenômenos e, de forma mais radical, para compreender a nós mesmos; neste sentido, somos produto dos discursos que estão em circulação em determinado período histórico e social. Com isto, acreditamos ser importante compreender as verdades que nos constituem, que regulam nosso pensamento e nossas ações e nos forjam com determinados modos de ser educador. É preciso observar o “fio da missanga” que sustenta nossas verdades. Nesta perspectiva, pontuamos os argumentos que sustentam a Interdisciplinaridade nos cursos de Educação do Campo

e, salientamos o quanto o enunciado que afirma a necessidade da Interdisciplinaridade para a compreensão do real ressoa nas enunciações discentes. As bases que sustentam o argumento da Interdisciplinaridade estão para além da perspectiva pedagógica. Implicam ampliar o acesso à escola, potencializar um trabalho coletivo, por intermédio de uma construção curricular conjunta de professores e, de modo mais recorrente, facilitar a compreensão do real. Foi com esta pretensão que: colocamos em suspensão a interdisciplinaridade, por ser uma verdade que nos é muito cara enquanto educadores e que em nome da qual conformamos nossas práticas. Com isto, ao problematizar os discursos que nos constituem, e neste caso, o discurso da interdisciplinaridade, problematizamos também a nós mesmos. Desta forma, acompanhamos Michel Foucault:

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade — em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (FOUCAULT, 1998, p. 12)

Neste sentido, não desprezamos a “necessidade de verdade”, pois sem esta, nosso mundo seria o “caos”, ou seja, as verdades nos dão a sensação de estabilidade e nos possibilitam uma certa ordem, necessária à aprendizagem e ao conhecimento. No entanto, compreender a verdade como invenção, possibilita perceber algumas aberturas, alguns espaços de liberdade para sermos interpelados por outras possibilidades e assim, aguçarmos outros devires: devires mulheres/homens, devires crianças, devires estudantes, devires docentes.



## THE FIELD EDUCATION AND THE DISCOURSE OF INTERDISCIPLINARITY: REVERBERATIONS IN THE STUDENT STATEMENTS

### ABSTRACT

Interdisciplinarity is becoming a truth that crosses the Brazilian educational field in the contemporary world. In this sense, this study aimed to understand which statements about interdisciplinarity circulate in the Degree course in Field Education: Natural Sciences - North Shore Campus, Federal University of Rio Grande do Sul - UFRGS. Specifically, this article discusses and presents an analysis of the discourse in the Foucaultian perspective of enunciations that emerged in the speeches of the students of the course when justifying the need for an interdisciplinary curriculum. We perceive that the justification of these students ends up duplicating statements that cross the enunciation of authors that are reference of the Degree in Field Education. We believe that this resonance of statements may be concomitantly strengthening both the Discourse on Interdisciplinarity and the Discourse on Field Education. For this essay interviews were conducted with 32 students and the theoretical tools used come from the workshop of Michel Foucault.

**Keywords:** Interdisciplinarity. Statement. Knowledge Network. Field Education.

### REFERÊNCIAS

BRASIL (2008). Edital nº 2 de 23 de abril de 2008. *Chamada pública para seleção de projetos de instituições públicas de ensino superior para o PROCAMPO*. Ministério da Educação, 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital\\_procampo.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital_procampo.pdf). Acesso em: 09 de nov. 2017.

BRITTO, Néi Suzana; SILVA, Thais Gabriella Reinert da. *Educação do Campo: formação em ciências da natureza e o estudo da realidade*. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 763-784, jul./set. 2015.

BRITTO, Néli Suzana. O percurso formativo docente na educação do campo – Área ciências da natureza e matemática – pautado por Riscos, mas por muitas potencialidades. In: *Seminário Nacional Universitas/BR, 24.*, 2016, Maring? Anais, Maring? Universidade Estadual de Maring? 18 a 20 de Mai. 2016.

\_\_\_\_\_. Prática docente em Ciências da Natureza em Educação do Campo – desafios, diálogos, reflexões e ações educativas. In: DUSO, Leandro; HOFFMANN, Marilisa B. (Orgs.). *Docência em Ciências e Biologia: Propostas para um continuado reiniciar*. Ijuí: Editora Unijuí, 2013. p. 107-132. (Coleção Educação em Ciências).

\_\_\_\_\_. Uma trama de muitos fios – experiências, área de Ciências da Natureza e Matemática, currículo, diálogos freireanos – tecem a formação docente em educação do Campo na UFSC. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). *Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar*. Brasília: MDA, 2014. p. 61-83.

CORAZZA, Sandra Mara. Os labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 103-127.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas: a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Org.). *Caminhos Investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 199-214.

COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Maria Jucilene Lima; MOLINA, Mônica Castagna. Desafios à formação de educadores do Campo: tecendo algumas relações entre os pensamentos de Pistrak e Paulo Freire. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). *Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar*. Brasília: MDA, 2014. p. 127-154.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita Acadêmica: a arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Org.). *Caminhos Investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 199-214.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Tradução e Organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940574/mod\\_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-2-O-Uso-dos-Prazeres.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940574/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-2-O-Uso-dos-Prazeres.pdf). Acesso em: 10 de nov. 2017.

LOPES, Eloisa Assunção de Melo; BIZERRIL, Marcelo Ximenes A. Video e Educação do Campo: novas tecnologias favorecendo o Ensino de Ciências Interdisciplinar. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). *Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar*. Brasília: MDA, 2014. p. 201-230.

MOLINA, Mônica Castagna (Org.). *Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar*. Brasília: MDA, 2014. 268p

MOLINA, Mônica Castagna; HAGE, Salomão Mufarrej. Política de Formação de Educadores do Campo no Contexto da Expansão da Educação Superior.

## A Educação do Campo... - Verônica de L. Mittmann e Cláudia G. Duarte

In: 5º Seminário Nacional das Licenciaturas em Educação do Campo, 2015, p. 121-148.

VASCONCELOS, Vanilda de Magalhães Martins; SCALABRIN, Rosemeri. Ensino interdisciplinar na área de Ciências da Natureza e Matemática em um contexto agroecológico. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). *Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar*. Brasília: MDA, 2014. p. 154-179.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autentica, 2014.

\_\_\_\_\_. Teoria e Método em Michel Foucault: (im)possibilidades. *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 1, p. 11-23, 2009.

**Recebido: 7 de novembro de 2017**

**Aprovado em: 28 de novembro de 2017**